

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal  
**MANUEL VIRGÍNIO PIRES**

Redacção e Administração  
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario  
**Dr. JAIME BENTO DA SILVA**

ASSINATURAS  
Série de 10 Números . . . . . 5\$00  
Composição e Impressão  
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

## Confiança

Em resposta a certo escritor insensato e fantasista que previa a hipótese de perigo para Espanha na nossa fronteira, o jornal espanhol «Informaciones», em comentários limpidos e enérgicos, recusa-se a acreditar em quaisquer boatos desse género, porque—lembra—«por essa fronteira, precisamente, recebemos os primeiros auxílios e os primeiros alentamentos».

Essa confiança, justificada, que a Espanha deposita na nossa lealdade e na dignidade e independência da nossa politica, honra-nos sobremaneira, mas não é menos honrosa para o país vizinho. Só um fidalgo sente, compreende e crê firmemente na honra de outro fidalgo. E toda a Espanha sabe até que ponto Portugal serve os ideais cristãos do ocidente, comuns às duas nações peninsulares. Ainda recentemente o afirmou o semanário espanhol «Haz», ao recordar a camaradagem dos Viriatos nas horas sangrentas em que foi necessário defender esse ideal de armas na mão.

## Como os estrangeiros apreciam a neutralidade portuguesa

Mais uma vez, a do jornalista francês Delebecque, se vem reunir agora ao largo côro das que se erguem para louvar a neutralidade de Portugal perante a guerra europeia, neutralidade que não existe só como atitude oficial, mas porque todo o país, «entende, dentro dos limites da dignidade e dos interesses nacionais, dever mantê-la e afirmá-la». Delebecque regista, assim, o tom imparcial da imprensa em face do conflito.

No seu interessante artigo publicado na «Action Française», e no qual manifesta o reconhecimento da França ao país de Salazar, pelas provas de afecto que lhe tem dispensado, aquêlê jornalista alude ainda às relações entre Portugal e Espanha, expressando-se nos seguintes termos: «Por muito tempo reinou entre os dois Estados da Península ibérica mútua desconfiança. A revolução nacional espanhola, a simpatia calorosa e actuante demonstrada ao general Franco pelo Governo de Lisboa e a necessidade reconhecida, por ambos os lados, de combater o comunismo puseram termo àquela anormal situação».

Portugal e Espanha olham-se hoje, na verdade, sinceramente como dois amigos que se estimam e se respeitam mutuamente. E essa amizade é um dos factores que há-de condicionar a Europa que sair desta guerra.

## Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmácia MONTE-PIO.

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

## SÓ PORTUGUESES

O nosso dever de portugueses é ocuparmo-nos primeiro do que é nosso, do que é nacional, do que toca à nossa independência do povo, e à nossa vida comum, e ao nosso progressor. E é isto mesmo a lição que nos dá a guerra, pois todos os dias nos diz ela:—quanto mais distraídos de si os povos, mais sujeitos ao perigo de se perderem. Demais, se tivéssemos inimigos, o que eles queriam eram o nosso alheamento do que nos importa à nossa vida, e a nossa divisão interna.

Não há contra nós nenhuma razão que nos leva a recuar o futuro, tanto mais que o futuro dum povo é obra sua, e não de estranhos:—não são eles que nos governam, nem defendem a nossa independência, se a não defendermos nós. Como disse o nosso Chefe um dia, cabe aqui dizê-lo também:—*Portugal será no futuro aquilo que já hoje quiser que seja*. É uma lei geral, que está na consciência dos povos dignos da sua liberdade, e dignos de respeito, em todos os tempos.

Se de fora não há razão alguma contra nós, e contra a nossa paz (e não há, porque ainda não faltámos à lealdade dos nossos compromissos internacionais), cá dentro temos bastas razões de optimismo, mesmo entre as dificuldades que nos trouxe a guerra. Razões de optimismo, porque ainda o nosso Governo se não distraiu das necessidades da Nação, e ainda não parou o nosso engrandecimento colectivo, em tantas e tantas obras, que dia a dia se multiplicam por todo o País. Prossegue a nossa Revolução o seu trabalho de engrandecimento em todos os domínios da actividade nacional. Ainda agora se publicou o plano de obras da Junta Autónoma das estradas—plano de obras no montante de 115.400 contos, o que é prova da grandeza desse plano, e prova de que, não obstante as dificuldades derivadas da guerra, ainda nos é possível a realização de grandes melhoramentos. E quem tenha lido os jornais, não há muito que viu a larga verba de obras públicas, para êste ano—obras que beneficiam todos os distritos do País, em reparação ou construção de edificios, monumentos, escolas, igrejas, pontes, portos, represas; em saneamento, captação de águas, regularização de cursos de águas, arborização, etc. E nestas obras são 150 mil contos os que se vão gastar.

Com se vê, o nosso Governo cumpre o seu dever, e, para êle, não é a guerra que interrompe o ritmo do nosso engrandecimento. Não houve mudança nem nas ideias nem nos factos da nossa Revolução—antes nele tudo é a continuidade de sempre, com o mesmo empenho e método, e a mesma fé nos destinos da Pátria. A confiança do nosso Governo, confiança que se manifesta claramente nesta continuidade governativa, e que nos devia impressionar, igualmente nos devia encher de optimismo—do optimismo prudente, que repudia o pessimismo dos tolos, dos sem-pátria, dos cobardes, dos vadios, dos comodistas.

Como provámos, não nos faltam razões de tal optimismo, razões que não são fantasia, mas a realidade da nossa paz, e do nosso renascimento colectivo. Portanto, ponhâmo-nos no plano do que é nacional e nosso, e não nos dividamos em partidos de simpatia ou antipatia ao que se passa fora de nossas fronteiras, e que em nada é connosco. Perante as exigências do interesse nacional, e do nosso amor da Pátria, e da nossa unidade de derredor do Estado Novo, que valem tais simpatias ou antipatias? Somos portugueses, e só portugueses, e, como tais, vivemos apenas a nossa Pátria.

A. da F.

## Algarve Bela iniciativa

### Memórias Históricas e Etnográficas

Cartas inéditas de  
D. Francisco Gomes do Avelar  
Arcebispo Bispo do Algarve  
(1787-1804)

(Continuação do n.º anterior)

36.ª

M. R. P. Bonifacio Ferr.ª

Meu bom Ir. e Am.º do C. não tenho podido responder à de V. R. em que me perguntava *quidi juris* na causa de D. Joze Leote, Penitenciario Sustituto. Não sei se V. R. falará ao Dez.º de Cidade, p.ª este melhor informar a V. R. porq como a causa la anda é tela judiciaria, bem sabe V. R. q eu estou ca, e a causa la vai indo ou bem ou mal.

O que posso dizer a V. R: he q S. Paulo la dizia: *Omnes quae sua sunt, quaerunt; non quae Jesu Christi*. O pobre Tio vendo que eu não lhe louvava m.º a sua renuncia, nê queria dar Attestado, requereu a S. Mag.º e e estando o Sobr.º na Congreg.ºo pediu a Rainha q supprisse a falta do Attestado, visto que eu por systema o não queria dar. Mas como eu o não de; veio a Bulla in forma dignu p.ª ca se habilitar. La se fez tudo nesse tribunal do Auditor (q D.ª deu p.ª meu flagello) agora corre a demanda. O q he certo he que os Feiás ainda bem não sabem q.ºm lhe deu licença para confessar. A Bulla ou os papeis vinhão taes, que os meus Ministros os julgarão indignos de os discutir. Ahi dizê q ha *Perinde Valere* etc. etc. Valha em tudo a verdade. Não duvido q todos entrê porq a Igreja de D.ª está exposta à pilhagê. Depois se D.ª permittir maiores castigos, pobre Monarquia, estado e Igreja Portuguesa. Cruzes não faltam por aqui; e todo aquelle que quizer endireitar algúa cousa, e tirala do mau estado m.º tem que aturar; e o exemplo do grande Nazianzeno, do S. Crystostomo, de S. Carlos etc. Mas eu que me via falto (e ainda estou) das virtudes destes, resistia à escolha, e ainda hoje conheço que fis mal em não resistir até ser desterrado ou cô desterro voluntario, ou mandado em castigo. Porq na verdade, bom Am.º, a desordem he geral; e com os males não cessa a obrigação. So D.ª he que pode tortalecer. Se nos virmos, falaremos. D.ª dê alivios a S. Alteza, e à nossa Soberana, p.ª gloria de seu S.ºº Coração, e p.ª bem de todos. Este S.ª g.ºº a V. R. m.ª a.ª Faro 1o de 9.ºº de 1795—De V. R.—Ir. e am.º do C. obrig.ºº —F. B.º do Alg.ºº—Sinto as molestias do S.ª seu Ir. D.ª o alivie.

Alberto Iria

(Continua)

## Elogio do Algarve

O artigo com o titulo acima que noutro local publicamos foi transcrito do nosso prezado colega «Diario do Alentejo».

Uma nota officiosa do Presidente do Conselho, publicada nos jornais diários, diz que «o Governê, compenetrado do interesse humanitário que pode ter a coordenação de esforços em prol das crianças dos países europeus envolvidos no actual conflito e de se centralizar eventualmente essa acção em Portugal, empregará os seus bons officios junto dos Governos e entidades que possam participar naquela obra, no sentido de facilitar-lhe a execução em tudo quanto de si dependa».

Essa obra, a que o «Diário de Notícias», autor da iniciativa, chamou «obra imensa; obra urgente; obra humana—pelo futuro, pela piedade da Europa!», encontrou quem a comprehendesse e recomendasse.

Portugal, reconhecendo a necessidade e alcance dessa tão humanitária missão, não hesitou em o lembrar aos outros povos, primeiro como iniciativa particular e, logo a seguir, oficialmente, por intermédio do próprio Governô.

E' que Salazar, consciente das suas responsabilidades e seguindo, sempre dentro da politica de verdade, aquela linha de conduta, nobre e patriótica, que o impôs à consideração de todos nós, viu logo que tal iniciativa merecia o seu mais franco aplauso e era digna de ser apresentada, oficialmente, à consideração dos outros países.

Na nota officiosa de 2 de Setembro de 1939, nessa nota do dia imediata à declaração de guerra da Inglaterra à Alemanha, em que tão digna e desasombradamente define a posição de Portugal, Salazar diz que «a paz não poderá ser para ninguém desinteresse ou descuidada indiferença».

O que se tem feito, depois disso, a favor dos refugiados e em tudo que, de qualquer forma, possa minorar as consequências da guerra, demonstra a sinceridade das suas palavras e do seu esforço e dão jús à sujestão agora apresentada a favor das crianças das nações ocupadas ou em luta.

Creemos, por isso, na efficácia da iniciativa portuguesa e, a verificar-se, será, sem dúvida, um dos maiores serviços por nós prestados à causa da paz e da civilização.

Portugal, que reatou o fio das suas tradições gloriosas e se impõe, de novo, ao Mundo pelo seu ressurgimento, pela sua conduta e pelo exemplo em tudo admirável do Chefe do seu Governô, está, realmente, indicado para ser o realizador de tão necessária e simpática obra.

## Impressões e comentários

## O espírito gregário dos algarvios

Como já tive ocasião de dizer aqui, nada prendeu mais a meu interesse e o meu entusiasmo de algarvio, nos últimos tempos e sobretudo nos últimos meses, do que a Casa do Algarve em Lisboa, cuja dissolução acaba de dar-se. Por isso não admira que insistia em falar dela na Imprensa, para tirar do facto consumado, que é o que em última análise pretendia, a lição que pode aproveitar, a mim e aos outros, na maneira de nos conduzirmos em coisas de carácter regionalista.

Ora, se me impressionou bastante, como disse há dias neste mesmo lugar, constatar que há algarvios que renegam a sua Província e até a mal-dizem, não menos me impressionou a confirmação, que tive, da falta de espírito gregário dos meus comprouvianos. É certo que, por motivos que oportunamente direi, a experiência da Casa do Algarve não é suficiente para demonstrar aquela falta; mas reforça e confirma em absoluto outros factos indicadores, colhidos diariamente em todos os sectores e em todos os campos de vida algarvia.

Na nossa Província não há ainda hoje, nem nunca houve, um movimento gregário, quer de carácter religioso, quer educativo, filantrópico, político, económico ou puramente recreativo, que tenha vingado, se tenha elevado e conseguido manter-se, exercendo real influência no meio. Basta olhar para a história do Algarve e também, infelizmente, um pouco para o presente, para vermos que a vida na nossa Província e, regra geral, uma cadeia de pequenos dissídios, de guerrilhas quando não materiais pelo menos espirituais, de questões de soalheiro, de maledicências torpes até, em que o interesse individual, e só ele, domina, orienta e comanda. Assim na política e no futebol, no comércio e indústria e nas sociedades recreativas, nas organizações educativas e nas tabernas, muitas vezes na própria religião.

Se alguma coisa de grande ou apenas útil se tem feito no Algarve, em qualquer época, embora de interesse colectivo, di-lo a história e di-lo o presente, é sempre obra exclusiva de um só homem, de dois ou três raras vezes, homens que arrastam com a indiferença e má vontade dos restantes e quasi nunca escapam à peçonha da calúnia.

As únicas excepções que existem são as dos compromissos marítimos antigos e instituições suas sucessoras ou similares mais modernas, cuja obra é, numas verdadeiramente notável já, noutras esperança séria e legítima de um futuro magnífico e dignificante. Mas, mesmo essas, só servem para confirmar a regra, não apenas porque existem—«não há regra sem excepção»,—como porque é ainda, sem dúvida, o interesse individual que fundamentalmente as domina: o interesse por exemplo, na assistência médica, que é compensação imediata e prática para a quotização.

Tem-se procurado razões justificativas deste facto, que não sou eu o único a constatar—estou até em muito boa companhia—embora seja talvez dos poucos que têm coragem de o dizer. Querem uns que seja influência do muito sangue berbere que nos gira nas veias; ou mesmo dos negros da Guiné, que do mercado de escravos de Lagos se espalharam pela Província, mesclando de revólta surdas o sangue do povo; querem outros que seja do clima e da proximidade do mar, que pode fazer heróis sobre as águas, mas faz nas praias geralmente caracteres apáticos e deprimidos, por inadaptados; ávida da terra dizem outros ainda que a culpa cabe às guerras políticas em que o Algarve se dividiu no século passado e que, seguindo esses, transformaram os algarvios, espiritualmente, em caciques.

Seja como for. O facto existe

—a experiência da Casa do Algarve confirma-o—e o que interessa não é tanto averiguar das causas remotas ou próximas, mas constatar a realidade tal como ela é, não a mascarando com desculpas que só servem para agravar o mal e até para confirmá-lo; e constatá-la, não também para nos lastimarmos ou mal-dizermos a Província, mas para, conhecendo-a, a modificarmos com vontade firme e energia indefectível. Isto, pelos motivos que apontei na crónica anterior: o amor que todos devemos ter á nossa terra, seja ela a que for; o natural desejo de a vermos melhor, contra tudo e contra todos, até contra nós próprios, individualmente.

Disse algures não me recorde quem, que o que torna o homem digno aos olhos de Deus não é apenas o cumprimento exilido dos seus deveres, que ás vezes depende de imponderáveis, mas também os esforços conscientes, honestos e profundos que faz para o conseguir. A falta de espírito gregário dos algarvios, porque velha talvez de séculos, não pode desaparecer numa ou mesmo duas gerações, ainda que elas façam profundos esforços; mas se a actual, se a minha, se a nossa geração, em vez de um comodismo ou interesse mesquinho, se deixar ir na corrente ou avolumar com diatrives, lutar contra ela com fé e entusiasmo, terá contribuído nobremente para o fim romoto em vista e, tendo-se assim esforçado por cumprir os seus deveres, ter-se-á tornado digna, não apenas perante Deus, mas perante o País e a sua própria consciência—que a tem, sinceramente, e a encontrará, se a procurar.

É por pensar assim que eu não compreendo a tal altitude dos meus comprouvianos que desprezam e mal-dizem a sua Província, só porque constata, como eu, o facto a que nos vimos referindo, entre outros; e é por isso também que, certamente ante a incompreensão deles, eu, apesar de tudo e contra tudo, continuo a dar o que posso em benefício da minha terra.

Estes comentários, mesmo, que a muitos parecerão até deprimentes para o Algarve, por mostrarem uma verdade incontestável, não têm outra origem nem outro fim. Nasceram do meu muito amor pela terra onde nasci e destinam-se—se eles, realmente tivessem esse condão!—a contribuir para formar nos meus comprouvianos, sobretudo nos da minha geração, a vontade de pôr o seu entusiasmo e o seu esforço ao serviço da Província, no combate aos males que a enfermam—começando por combatê-los em si próprios, como penitência, até individualmente salutar, a que os conduzirá um sério e honesto exame de consciência.

Eu, que já fiz o meu e, apesar de tudo, não me encontro isento de culpas, tenho cumprido a minha penitência, como posso e sei. E já agora irei até ao fim, mesmo que as minhas palavras e os meus actos encontrem sempre fechado o entendimento para quem escrevo e queiram julgar-me.

Lisboa. 4/Abril/1941.

Antero Nobre

## Festa da Nossa Senhora de Fátima

Concedem-se dois a três lugares num esplendido automóvel com passagem por Lisboa, Caldas da Rainha, Alcobaça, Batalha, regressando por Torres Novas, Santarém, Coruche, Montemor-o-Novo, Évora, Beja, também se pode alugar a lotação completa, no caso de não haver pretendentes a lugares simples.

Quem pretender dirija-se ao proprietário do mesmo automóvel, Arquimedes Serrano Lourenço, em Tavira.

## PELA CIDADE

**Um Benfeitor**—O nosso ilustre conterrâneo, Prof. Dr. Silva Carvalho, da Faculdade de Medicina de Lisboa, enviou ao Presidente da Câmara Municipal, a importância de mil escudos para serem distribuídos por dez pessoas, de preferência viúvas com filhos menores e velhos marítimos.

Para o clínico distinto, o professor e conferencista brilhante, o historiador e escritor consagrado, honra da nossa terra, cujo coração generoso e cuja amizade pela cidade que lhe foi berço, acabam de ser magnificamente demonstrados, vão os nossos calorosos aplausos e os agradecimentos sinceros dos pobres contemplados. Neste momento só nos lembra o de quantos poderiam imitar o gesto deste taviense!

**Missões Culturais**—Segunda feira passada realizou-se no Teatro Popular uma sessão de canto e música promovida pela Missão Cultural que anda percorrendo o sul do País. Já a ideia era o bastante para felicitar-mos o Secretariado de Propaganda Nacional e, em especial, o seu ilustre Director o Sr. António Ferro. Mas essas felicitações têm de ser redobradas porque a Missão Cultural que acaba de nos visitar, a sua audição constitui, de facto, uma lição de cultura artística. Os seus componentes são verdadeiros artistas. O programa foi composto com a maior inteligência, tendo em vista a generalidade dos públicos perante os quaes é executado. Prende a atenção dos ouvintes, sem os cansar nem pelo tamanho dos trechos contados ou tocados, nem pela complexidade dos temas, variados, de forma a que o público receba a lição, goste dela e fique com uma grande vontade de que a repetição se não faça esperar.

A entrada foi por convites. Apesar disso o Teatro Popular estava cheio de uma assistência que ouviu no meio do maior silêncio e, ao contrário do seu costume, não regateou aplausos.

## Condecoração

Pelos relatos do «Diário da Manhã» tomamos conhecimento das homenagens de que foi alvo o nosso querido amigo, Sr. Capitão Rogerio Ferreira, ilustre Governador Civil de Viana do Castelo.

Aprovando a proposta baseada nos serviços de campanha que o Sr. Capitão Rogerio Ferreira prestou na outra guerra em França, o Governo do Marechal Pétain acaba de o condecorar com a Legião de Honra. A fim de lhe entregar as respectivas insígnias deslocou-se áquela cidade o Consul de França no Porto e ao homenageado foi oferecido um banquete pelas entidades oficiais, políticas e sociais da linda cidade do Lima, que foi muito concorrido e decorreu com bastante entusiasmo.

O «Povo Algarvio» que conta no Sr. Capitão Rogerio Ferreira um amigo certo que nunca se esquece de, no seu aniversário, se associar sempre por um telegrama gentilíssimo, envia-lhe as suas sinceras felicitações pela justa homenagem que acaba de lhe ser prestada.

## Invalidos do Comercio

Desta prestimosa instituição de solidariedade entre os que labutam no comercio português recebemos o relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal da gerencia de 1940.

Esta benemérita associação durante os seus dez anos de existência tem progredido bastante e fazemos votos sinceros pelo seu progressivo engrandecimento em prol da causa justa e humanitária que defende, pois veio preencher uma lacuna que de há muito se fazia sentir.

## SECÇÃO DESPORTIVA

## Campeonato Popular de Futebol do Algarve

Organizado por um grupo de desportistas e patrocinado pelo jornal «Povo Algarvio»

A exemplo da iniciativa do jornal «O Século», do que se tem feito nos grandes meios desportivos, quiz o «Povo Algarvio» estender a corrente de estímulo ao Sport, nesta Região, instituindo o Campeonato Popular de Futebol do Algarve, a disputar entre as colectividades populares desportivas de Faro, Olhão, Vila Real de Santo António e Tavira.

Tavira começará hoje a presenciar os diversos desafios deste Campeonato para o qual o nosso Redactor Desportivo, sr. Joaquim da Silva Marto, elaborou o seguinte regulamento:

**Artigo 1.º**—Este Campeonato será disputado pelas colectividades populares de Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António.

**Art.º 2.º**—O Campeonato será disputado pelo sistema «Bota-fôra» (2.ª volta), isto é, um Clube só será eliminado quando for, de segunda vez, vencido.

**Art.º 3.º**—O sorteio para o apuramento dos encontros será feito na cidade de Tavira pelo Director do «Povo Algarvio» ou seu representante.

**Art.º 4.º**—Todos os jogos serão efectuados na cidade de Tavira, sendo a deslocação de qualquer clube por conta da entidade organizadora.

**Art.º 5.º**—Ao Clube vencedor será atribuído, como prémio, a taça «Povo Algarvio».

**Art.º 6.º**—Cada Clube que se inscrever pagará a quantia de 20000.

**Art.º 7.º**—Todo o Clube que faltar a um encontro para que for nomeado, será responsável por todas as despesas ocasionadas para esse encontro e será eliminado imediatamente do Campeonato.

**Art.º 8.º**—Cada Clube inscrever-se-á preenchendo um impresso que constará do seguinte:

a)—Nome do Clube e sua sede;

b)—Côres da equipe (camisola e calção);

c)—Nome do Delegado que representa a colectividade;

d)—Nome do árbitro e sua morada, e

e)—Inscrição de 15 jogadores.

**Art.º 9.º**—As despesas de deslocação dos Arbitros e Delegados são por conta da entidade organizadora.

**Art.º 10.º**—O impresso a que se refere o Art.º 8.º será acompanhado de 15 fotografias relativas aos jogadores inscritos e da quantia de 20000 que uma vez entregues, a inscrição considerará-se aceite.

**Art.º 11.º**—É permitida a inscrição de todos os jogadores, excepto:

a)—Os que tenham alinhado, na época 1940/41, nas primeiras categorias dos clubes que disputam o Campeonato do Algarve; e

b)—Os que tenham o seu domicílio fóra do Concelho a que pertencer a colectividade, salvo se já tenham alinhado pelo Clube a que pertencer, e que por motivos da sua vida fossem obrigados a abandonar o dito concelho.

**Art.º 12.º**—Nenhum Clube poderá alinhar com menos de 8 jogadores.

**Art.º 13.º**—Não é permitido, após a inscrição, a transferência de um jogador, dum Clube para outro.

**Art.º 14.º**—O Clube que alinhar com jogadores não inscritos será eliminado do Campeonato.

**Art.º 15.º**—O árbitro será nomeado pelo Director do «Povo Algarvio» ou seu representante, bem como quaisquer Delegados.

**Art.º 16.º**—A entrega dos boletins de Arbitros e Delegados far-se-á até ás 10 horas do dia seguinte ao do encontro.

**Art.º 17.º**—A todo o Clube que não comparecer 30 minutos, depois da hora marcada, será eliminado do Campeonato e sujeito ás penalidades do Art.º 7.º.

**Art.º 18.º**—A todo o Clube que esteja jogando com inferioridade numérica, é permitida a entrada de quaisquer dos seus jogadores com aviso prévio ao árbitro.

**Art.º 19.º**—Nenhum jogador, após se ter iniciado o encontro, poderá dirigir-se ao árbitro, somente o capitão o poderá fazer lo em termos correctos.

**Art.º 20.º**—A falta de cumprimento ao artigo anterior levará a expulsão imediata do jogador ou jogadores, não podendo os mesmos alinharem mais em jogos deste Campeonato.

**Art.º 21.º**—A reclamação de qualquer encontro far-se-á no prazo de 48 horas acompanhada da quantia de 15000.

**Art.º 22.º**—Todas as reclamações serão resolvidas em reunião pelos delegados dos clubes inscritos.

**Art.º 23.º**—Um Delegado poderá, por meio de credenciais, representar uma ou mais colectividades nas reuniões para que for solicitado.

**Art.º 24.º**—Todos os jogos serão disputados nas horas e dias marcados, salvo quando as condições atmosféricas não o permitam.

**Art.º 25.º**—O vencedor deste Campeonato jogará, em Tavira, uma final com o Sport Lisboa e Algôz, campeão popular do Algarve, para a disputa do titulo do Campeonato Popular de Futebol do Algarve.

**Art.º 26.º**—Todas as reclamações devem ter por base o Regulamento deste Campeonato.

**Art.º 27.º**—Para quaisquer casos omisos, considera-se em vigor o Regulamento da Associação Futebol de Faro.

**Art.º 28.º**—A marcação dos encontros será feita com 8 dias de antecedência pelo jornal «Povo Algarvio».

\*\*\*

Efectuou-se, no passado domingo, o sorteio dos encontros a realizar para a disputa deste Campeonato. Registou-se a inscrição dos seguintes clubes que tomaram a seguinte numeração:

- 1—Futebol Clube S. Luiz-Faro
- 2—Clube Atlético Pontense-Faro
- 3—Grupo Desportivo Montenegro-Faro
- 4—Luso Sporting Clube-Faro
- 5—Unido Futebol Clube de Faro
- 6—Boavista Futebol Clube Olhanense-Olhão
- 7—Unidos Futebol Clube de Olhão
- 8—União Futebol Clube de Tavira
- 9—Futebol Clube do Porto e Tavira
- 10—Onze Brancos Futebol Clube-Vila Real de Santo António

Verificou-se o seguinte resultado do sorteio:

|            |      |
|------------|------|
| Jogo n.º 1 | 3-9  |
| » » 2      | 1-6  |
| » » 3      | 4-8  |
| » » 4      | 2-7  |
| » » 5      | 5-10 |

No 1.º jogo o Futebol Clube do Porto e Tavira defrontará o Grupo Desportivo Montenegro, de Faro.

\*\*\*

Algumas notas biográficas sobre os clubes contedores

**Grupo Desportivo Montenegro, de Faro**—Esta nável agremiação, fundada por um bom lote de bairristas, conta hoje grande número de associados. Tem a sua sede no sitio do Montenegro que dista 3 quilómetros de Faro.

Concorrente a vários torneios populares a sua classificação tem demonstrado a superioridade a muitos clubes populares da terra.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Campeonato Popular de Futebol do Algarve

(CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA)

Dentro os componentes do «team» salienta-se a defesa que atenta impedirá o adversário de atingir o seu objectivo. Os outros elementos mostram habilidade e «malabarismo».

**Futebol Clube do Porto é Távira**—A filial taviense tem de fazer os possíveis para chegar a uma final com o seu rival, União Futebol Clube de Tavira, e conta certamente vencer o adversário. Para isso apresentará um «team» reforçado com elementos categorizados e alguns deles alinharam pela primeira vez no Porto e Tavira.

Tinturaria a vapor  
A melhor e a única na provincia

**Atenção**—Esta tinturaria tingem todas as qualidades de tecidos, e garante não ficar as fazendas enrugadas.

Corte, tingem e confecciona todas as qualidades de peles.

Tingem e arranjam chapéus para homem, ficando o trabalho perfeito.

O proprietário desta casa, por ser alfaiate, é a única deste género, garante o seu trabalho em fatos tingidos.

Outras casas há que tingem fatos e que nada disto percebem, ficando o seu trabalho imperfeito e o cliente mal servido.

**Prefira sempre os preços reduzidos da Tinturaria Nicolau**

SÉDE EM OLHÃO  
Rua Almirante Reis, 108

**XXXXXXS**  
em FARO: Rua Filipe Alistão, 15  
em TAVIRA: Rua 5 de Outubro n.º 17  
em VILA REAL: Rua Inf.º 16, n.º 12

Vende-se

Uma propriedade denominada «Orta da Ponte» no sitio da Pedra-Alva que consta de terra de regadio casa de habitação ramada palheiro, lagar de azeite em bom estado com suas dependencias etc.

Quem pretender dirija-se a Manuel José Gil, Ponte-Nova—Cacela.

Courela

No Almagem vende Ana Peres Cruz, R. Candido dos Reis—Tavira.

Assinal o «Povo Algarvio»

ELOGIO DO ALGARVE

Quem não passou pelo Algarve, conhece mal Portugal. Não pode formar ideia completa da paisagem, da vida e costumes do país.

Poderá dizer-se o mesmo em referência a outras regiões mas com maior razão tratando-se do Algarve, bem diferente da outra terra portuguesa.

Um encanto diverso. Uma graça especial. Uma luz incomparável que só se surpreende em raros lugares do mundo.

Desde Sagres a Vila Real de Santo António, o litoral é prodigioso miradouro sobre o Atlântico panorama azul-marinho de horizontes deslumbradores, aqui e acolá bordado de velas brancas, o infinito mistério do mar aliciando o homem para a poesia, o sonho a emigração...

E sucedem-se em grinalda praias magestosas e praias delicadas, enseadas e baías grutas e rochedos, areias douradas—tudo em fantásticos desenhos e caprichosos recortes onde o mar vai renovando, constantemente, enfeites de algas e rendas de espuma...

Entre o litoral e a serra os pitorescos campos, perfumados hortezos e pomares, a melodia das ribeiras e levadas. E as próprias serranias sem feição agreste, antes acolhedoras e sorridentes esmaltadas de poéticas casinhas brancas, que à luz do poente parecem envolvidas em azulada neblina, seus vales amenos verdadeiras mansões de repouso, serenidade e encanto, mormente nos arredores de Monchique e Alportel.

Privilegiado torrão este Algarve, onde o inverno é menos frio, o verão pouco calmoso o outono de longos poentes e inesquecíveis tardes, e a terna primavera floresce mais cedo.

Terra abençoada onde nunca acabam as flores e os frutos. Ainda é inverno noutros recantos do país, já o Algarve resplandece de branco, como jardim polar, ao refflorirem seus vastos campos de amendoeiras, ao mesmo tempo que os laranjais vergam ao peso dos ramos dos dourados frutos.

Logo após, não mais pára a sinfonia vegetal, nos pitorescos quintais, hortezos e pomares, onde nespereiras, pereiras e ameixoeiras se vestem de branco. E anda sempre no ar um aroma inebriante, misturado com o cheiro dos goivos e das rosas...

Pelo verão, adiante, é no Algarve que surgem os primeiros frutos: sumarentas peras, melões de cheiro, as doces uvas, os figos, que, depois de secos, se transformam em ouro, exportados às toneladas, considerados entre os melhores que aparecem nos mercados estrangeiros.

Só isto, o Algarve?

Muitissimo mais, que durante alguns dias chegará para entreter os olhos e o entendimento do turista que souber observar.

São as escarpas de Sagres, onde o Infante D. Henrique deu impulso á Empresa dos Descobrimientos, que tanto influíram na civilização mundial. A baía de Lagos, de magestosa imponência, admirada pelos mais famosos almirantes. A Praia da Rocha, paisagem marítima que rivaliza com os mais belos lugares do mundo e melhores climas da Europa, e a esbelta e moderníssima cidade de Portimão, Caldas de Monchique, estância de repouso e de saúde, pequeno paraíso que a natureza esculpiu em plena serra.

Silves famosa capital mourisca, afagada pelas águas do Arade, onde ressurgem, orgulhosamente, antiquíssimos monumentos, o Castelo e a Sé, os mais belos do Algarve. E Faro, elegantíssima cidade, com todos os adornos e requisitos de moderna capital. Loulé, o grande e rico centro agrícola, com suas aldeias graciosas, onde se conservam costumes típicos regionais e pitorescas tradições. Olhão, terra marítima e fabril, cenário incomparável de terraços, mirantes e branco casario, tocado da graça das cidades levantinas. Tavira, cidade senhoril a mirar-se nas águas do rio, aquietada na sua saudade das coisas idas, sossegada em grande silêncio, para não acordar do seu sono, Payo Peres Correia, o reconquistador do Algarve. E Vila Real de Santo António de traço pombalino, com toda a inquietação das terras fronteiriças, mas bem portuguesa, embora ali chegue a canção ardente da Andaluzia...

E mais ainda: as bonitas praias de Armação de Pera, Albufeira, Quarteira e Monte Gordo. As pequenas mas pitorescas vilas de Aljezur, Vila do Bispo, Lagoa, Monchique, Alportel, Messines, Alcoutim e Castro Marim, cada uma com sua característica especial. E todo este pequeno mundo animado por boa gente e laboriosa população que trabalha no mar, nos campos, fábricas de conservas e cortiças e na preparação de frutos.

Estradas por toda a parte, comunicações de todas as espécies, cruzam esta provincia que fica a pouco mais de meia dúzia de horas de Lisboa e de outras regiões do centro do país.

Bela terra, linda terra este Algarve, que não é, apenas, uma criação de poetas, mas expressiva realidade.

Todavia, o Algarve atravessa, neste momento, uma crise semelhante á que atinge outras provincias.

Por certo os poderes públicos não lhe faltarão com carinhoso

das de capelas de S. João, que era uma ranunculacea trepadeira que floria por este tempo. Na parte superior dos mastros, lindamente enfeitados, colocava-se a imagem do Baptista, em tamanho natural, feita de massa cosida no forno. Ao anoitecer acendiam-se fogueiras e orlavam-se os mastros de luzes. Chegada a ocasião, começavam os bailes e descantes em que entravam os rapazes e raparigas alternadamente em côro.

As bombas estrondeavam em descargas cerradas, em tiroito renhido, com intermitências rápidas, para recomoçarem mais intensos. De noite chegava-se fogo às peças de fogo de artificial, e via-se o rio e a cidade iluminadas por auroras de varias côres, dragões incandescentes, serpentes rubras, balões que ardiavam no ar e inundavam os espectadores de chuva ardente, rodas de fogo, etc. E por cima d'isto tudo, ouvia-se sempre o cantar do povo: dir-se-ia Tavira a cantar!

Lindas cantigas do povol.

Na noite de S. João,

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Maria dos Prazeres Santos Farrajota Luciano.

Em 14—D. Liliána Azinheira Costa Pereira, D. Gertrudes Laranjo Conceição, D. Beatris Fernanda Contreiras e menina Maria Stuart de Jesus Conceição

Em 16—D. Francisca Eugénia Quarresma e sr. Joaquim da Graça.

Em 17—D. Maria Luíza Falcão de Berredo Carvalho Simões, D. Maria das Dores Teixeira e sr. Mario de Mendonça Campos.

Em 18—Srs. dr. Zacarias da Fonseca Guerreiro e José Rodrigues Faleiro.

Em 19—D. Maria Delmira Ribeiro de Jesus e sr. Joaquim Lucio da Silva Pires Faleiro.

Paixão

Ail como o teu calvario é angustioso,  
Maria Virgem Mãe da Soledade!  
Mas do Gólgota o Vinculo grandioso  
fica a pairar no Campo da Verdade!

Rezando vão estrelas a igualdade,  
o Verbo de Jesus miraculoso!...  
Soluça o De Profundis da Saudade,  
nos teus olhos em pranto doloroso.

E Madalena ao terminar o Drama,  
embeveçada em seu amor, exclama:  
—A pecadora junto a Vós ficou!...

E as lages do Sepulcro foi beijando...  
pecados seus em lagrimas lavando...  
até bradar—Jesus ressuscitou!...

VITÓRIA RÉGIA

(de Portugal Maior «Sétima Dôr»)

Necrologia

No dia 6 do corrente, faleceu em Lisboa, onde tinha ido para ser submetido a uma intervenção cirurgica, o sr. Manuel Vaz, sargento da guarda fiscal reformado.

O extinto era pai das sr.ªs D. Clarice da Palma Vaz, D. Laura da Palma Vaz e D. Izabel da Palma Vaz e das srs. Tenentes Alfredo da Palma Vaz e José Rogelio da Palma Vaz e do sr. Luiz da Palma Vaz, agenciario.

A familia enlutada o «Povo Algarvio», envia sentidas condolencias.

**O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.**

apoio, para que ela continui a ser uma das mais ridentes e progressivas provincias portuguesas.

Júlio Quintinha

Teatro Popular

Hoje Domingo de Páscoa, é exibido o filme *A comedia do Amor* um dos grandes triunfos da produção Warner Bros, realização de Archie Maijor, com a interpretação dos geniais artistas Leslie Howard, Bette Davis, Olivia de Havilland, num ambiente engraçadissimo em que um actor célebre se deixa conduzir em cenas amorosas pela sua consciencia o que origina varias peripecias hilariantes.

Em complemento apresenta um filme de grande moral «*Reformatório*» em que vamos admirar o grande desempenho do notavel artista Jach Holt, cujo argumento conta a historia de um reformatório de rapases em que a disciplina e a lealdade não existia, mas que pela intervenção de um novo Director torna-se num estabelecimento de educação bastante modelar.

Consulte a seguradora genuinamente portuguesa

«A Pátria»

sobre os seus seguros Marítimos de guerra, aproveitando as suas novas condições para este risco.

Venda de duas propriedades rusticas

Uma, em Santa Catarina da Fonte do Bispo (Tavira), denominada «Boa-Vista», constante de terras de sequeiro e regadio, com diversas arvores e casas de habitação; outra, no sitio das Gambelas (Faro), constando de terras de regadio e sequeiro, com algumas arvores e casas de habitação.

Dirigir á «Mutualidade Popular», em Faro.

Consulte a seguradora genuinamente portuguesa

«A Pátria»

sobre os seus seguros postais, cobrindo também os riscos aéreo e de guerra, para o que se encontra devidamente autorizada com novas condições.

Bons impressos e carimbos a preços económicos, só na **TIPOGRAFIA SOCORRO** (Moviada a Electricidade) TELEFONE 59 VILA REAL DE SANTO ANTONIO

DAMIÃO DE VASCONCELLOS

Tradições Populares de Tavira

Notas etnográficas

Por toda a parte se viam coretos com tocadores dos instrumentos em uso. As folias e as chacotas (cantigas populares) tripudiavam em todas as praças em plena liberdade.

As mesas cobertas com carne de vaca, carneiro com batatas, peixe frito e frutas e varios pitcus, picheis de vinho, refrescos e outras bebidas, eram a cada canto.

Os arlequins ás cabriolas, em andas, levantando pesos, determinavam numerosos ajuntamentos, onde os papalvos riam a bandeiras despregadas.

Em estrados, musicos com violas e castanhetas cantavam e dan-

çavam canarias e caponas, danças da época.

Vendilhões de agua, de vinho, de hidromel, neveiros, feijão, grão e fava torrada, pinhões e frutas cobertas, nogados e chocolates.

Pretas e mulatas vendendo mariscos e fritos de farinha flor, os passarinhos e homens que vendiam hervas e unguentos milagrosos. Doces finos que se vendiam no convento das freiras. Lunduns cantados nas tabernas e cegos vendendo folhetos de cordel.

Em todas as praças, largos e ruas se erguiam mastros ao Precursor, ornamentados e revestidos de murta e alecrim e grinal-

Vou fazer uma fogueira  
Com folhas de verde louro,  
Com rosmaninho que cheira.

Casae, rapazes, casae,  
Que as noivas baratas são:  
Cada três por um vintem,  
Na manhã de S. João.

Heide ir deixar ao relento  
Um folha de figueira;  
Se São João a orvalhar,  
Heide encontrar quem me queira.

São João me prometeu  
De me dar um bom marido;  
Vou-lhe lembrar a promessa,  
Pois o santo é esquecido.

Esta noite deito sortes;  
São João vae declarar  
O nome do namorado,  
Que comigo hade casar.

Heide erguer-me bem cedo  
Na manhã de S. João;  
A ver se a minha alcachofra  
Está florida ou não.

São João para ver as moças,  
Fez uma fonte de prata;  
As moças não vão a ela,  
São João todo se mata.

No altar de São João  
Só ficaram nove rosas,  
Três brancas, três amarelas,  
Três encarnadas, formosas.

O meu amor é tão lindo  
Como a rosa no botão;  
Parece uma estrelinha  
Na manhã de São João.

Oh São João d'onde vindes  
Pela calma sem chapéu!  
—Venho de ver as fogueiras  
Que me fizeram no ceu.

Oh São João d'onde vindes,  
Que tanto estaes orvalhado?  
—Venho do rio Jordão  
De fazer um baptisado.

S. João adormeceu  
Nas escadas do colégio;  
A justiça deu com ele,  
São João tem privilegio.

No altar de São João  
Ha um vaso de Açucenas;  
Aonde vão os namorados  
Dar alívio ás suas penas.

(Continúa)

# LAVRADORES

Os vossos gados podem morrer dum momento para o outro arrastando-vos á ruína.

Há uma maneira prática de evitar a catástrofe—Efectuando o seu seguro.

## Segurai os vossos gados.

Também cobre o risco de ferro nas vacas, isto é, os arames que o gado engole.

*Dá tôdas as informações o Agente de Seguros*

### Francisco Padinha Raimundo

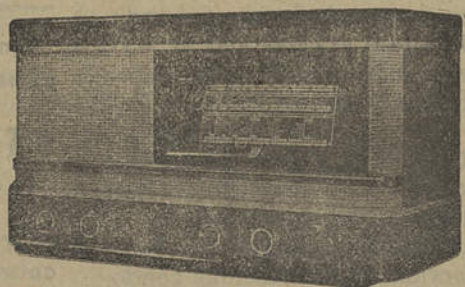
Rua do Poço do Bispo, 10

## TAVIRA

Anunciar no jornal "Povo Algarvio", é prosperar.

Que belo aparelho  
«PHILIPS»

A VENDA  
no Cunha & Dias, Lda.  
TAVIRA



Se é económico prefira um aparelho Philips!

*Um PHILIPS faz a alegria dum lar!...*

## Viticultores

**Mildio** evita-se, sulfatando com **CALDA AGUIA EUREKA**

em pó fino que NAO NECES-SITA CAL NEM SODA

Para conseguir maior eficacia nas caldas que emprega na sulfatação das vinhas, junte-lhes

**ADEROL-VINHA**

Um decilitro em 100 litros de calda torna-a perfeitamente MO-LHANTE e ADERENTE.

**PULGÃO DA VINHA** é exterminado em 24 horas com 400 grs. de **AZETOX A (Pasta Verde)** diluido em 100 litros de calda cuprica ou de água que contenha um decilitro de ADEROL VINHA.

ABECASSIS (IRMÃOS) & C.<sup>ª</sup>  
LISBOA PORTO

A' venda no Depositário em TAVIRA

### Carlos R. Mil Homens

## VENDE-SE

Um prédio na Rua Almirante Cândido dos Reis, 183, com frente também para a Rua das Figueiras e para a travessa do mesmo nome.

Tem 7 amplos compartimentos, que podem ser divididos, quintal e poço, tudo numa area grande de terreno podendo fazer-se garagem, cocheira ou cavalariça anexa á residencia.

Dão-se mais esclarecimentos na Sapataria Triunfo de José António de Jesus—TAVIRA.

Cunha & Dias, L.<sup>da</sup>

8-RUA DA LIBERDADE-10  
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira  
e da Fosforeira Portuguesa  
Venda de tabaco e fosforos  
aos melhores preços  
Condições especiais  
para revendedores

## Vende-se uma CASA

No Alto de S. Braz, rende 8 a 10 %, tem 7 divisões no 1.º andar, grande armazem, quintal, pocilga, palheiros, cavalariça e arrecadação espaçosa para carros.

Informa João Viegas Betato  
Horta do Carmo—TAVIRA.

Mendonça Freitas

ADVOGADO

Rua da Liberdade

TAVIRA



## Venda de propriedades

Vendem-se todas as propriedades de Manuel José Diogo Neto e de seu sogro José Correia Diogo que constam de Hortas, Vinhas, e sequeiro com diverso arvoredo, nos sitios do Pinheiro, Arroiteia e Belo Monte.

Tambem se vendem as casas com armazens, junto á estrada nacional bem situadas para negocio.

Recebe ofertas José Joaquim Ferreira.—Tavira.

## Quereis fazer bons negocios?

Anúncial no semanário regionalista

≡≡≡ "Povo Algarvio"

## Grémio da Lavoura de Tavira

Avisam-se todos os produtores, lagareiros, armazenistas, exportadores, retalhistas e outros detentores de azeite em quantidades iguais ou superiores a 50 litros de que, por determinação da Junta Nacional do Azeite, ficam obrigados a declarar até ao dia 26 do corrente mês as quantidades deste produto que tenham em seu poder á meia-noite do dia 21, sob pena de incorrerem nas multas estabelecidas pelo Art.º 10.º do Decreto-Lei n.º 26.757 de 8 de Julho de 1936, compreendidas entre 1.000\$00 e 50.000\$00.

Este manifesto não tem outro objectivo que não seja a avaliação global das quantidades de Azeite existentes no País pelo que os declarantes ficam com inteira liberdade de transacionar o seu azeite como e quando melhor lhes aprouver. Os impressos e quaisquer esclarecimentos de que os interessados careçam podem ser solicitados neste Grémio.

Previnem-se os Senhores Industriais de Farinhas em Rama que estão utilizando águas públicas para acionamento dos seus engenhos e que não possuam licença para esse fim, passada pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e Electricos, de que deverão, até 31 de Dezembro do corrente ano, legalizar essa situação de harmonia com as disposições regulamentares dos referidos serviços e sob pena das multas e sanções que as mesmas prescrevem, dispensando-se-lhes porém o pagamento dos emolumentos de vistoria e de licença e ainda a apresentação da planta e mais desenhos exigidos pela legislação vigente.

Estão isentas do cumprimento destas disposições os individuos ou entidades que, perante os serviços hidráulicos, demonstrem por qualquer dos meios de prova admitidos por lei, que a existência dos seus aproveitamentos é anterior á promulgação do Código Civil.

A Direcção

# Atenção

*Vendem-se alguns aparelhos de J. S. J., em 2.ª mão, das melhores marcas europeias e americanas para correntes e baterias.*

Preços reduzidos

Grande liquidação

Tratar com

**FRANCISCO PADINHA RAIMUNDO**

RUA DO POÇO DO BISPO, 10 - TAVIRA

## VENDE-SE

3/4 partes do predio sito na Rua José Pires Padinha, 100-102 com saída para a Rua Dr. Parreira, 57-59.

Recebem propostas: em Tavira, Verissimo Pereira Paulo e em Lisboa: Manoel Moreira, rua da Prata, n.º 6.

**Dr. Moraes Simão**

CLÍNICA GERAL

Cirurgia, Partos e Dentes

Consultas das 15 às 18 horas

Rua da Liberdade

TAVIRA

## Vende-se

Com chave na mão predio terreo sito na rua 1.º de Maio n.º 60 e 62 com grande quintal com arvores de fruto.

Tratar com Carlos Mil-Homens—Tavira.

## Aviso

António José Palmeira, na qualidade de procurador de seu pai, Joaquim Antonio Palmeira, avisa todos os individuos que lhe tenham débitos em atraso, a comparecerem em sua casa no prazo de quinze dias, sobre quaisquer entendimento. Caso não compareçam, procederá coercivamente.